

## SIMPÓSIO AT157

### SUJEITO E SUBJETIVIDADES *NO* E *PELO* DISCURSO LITERÁRIO

CARVALHO CASTILHO, Élide Cristina  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/CPTL  
elidacpc@bol.com.br

NASCIMENTO, Celina Aparecida Garcia de Souza  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/CPTL  
celina\_ufms@hotmail.com

**Resumo:** Nosso trabalho de doutoramento objetiva analisar na obra de contos “O Sol na Cabeça”, do escritor contemporâneo Geovani Martins, as representações de sujeito e subjetividades *no* e *sobre* seu texto. Morador da favela do Vidigal, no Rio de Janeiro, seu lócus de enunciação é condição decisiva na criação/produção/(re)apresentação de seus personagens. Nesta comunicação, entretanto, limitamo-nos a discutir, em seu conto de abertura, intitulado “Rolézim”, como se constitui discursivamente a autorrepresentação dos seus personagens principais, a fim de entender como essas representações permitem registrar (re)leituras de poder e resistência (FOUCAULT, 2008), de estruturas e conteúdos de uma metafísica ocidental sobre seus referentes principais. Sob o viés teórico-metodológico das teorias discursivas da linguagem (CORACINI, 2007), buscamos analisar o atravessamento, os interdiscursos que marcam a heterogeneidade discursiva (AUTHIER-REVUZ, 1998) nos ditos e dizeres do conto, observando como, na (re)(a)presentação desses personagens, os efeitos de sentidos podem colaborar para se (re)pensar as formas de subjetivação e poder desses sujeitos periféricos, agora narrados por outra ótica, por outras subjetividades, cujos papéis não são mais secundários e podem (ter o poder de) escrever um final diferente.

**Palavras-chave:** Discurso; Subjetividades; Geovani Martins.

**Resumen:** Nuestro trabajo de doctorado objetiva analizar en la obra de cuentos “El Sol en la Cabeza”, del escritor contemporáneo Geovani Martins, las representaciones de sujeto y subjetividades *en* y *sobre* su texto. Morador de la chabola del Vidigal, en Rio de Janeiro, su lócus de enunciación es condición decisiva en su creación/producción/(re)presentación de sus personajes. En esta presentación, sin embargo, nos limitamos a discutir, en el cuento de apertura de la obra, titulado “Rolézim”, como se constituye discursivamente la autorrepresentación de sus personajes principales, a fin de entender cómo esas representaciones permiten registrar (re)lecturas de poder y resistencia (FOUCAULT, 2008), de estructuras y contenidos de una metafísica ocidental sobre sus referentes principales. Bajo las teorías discursivas del lenguaje (CORACINI, 2007), intentamos analizar el atravessamiento, los interdiscursos que señalan la heterogeneidad discursiva

(AUTHIER-REVUZ, 1998) en los dichos y palabras del cuento, observando cómo, en la (re)presentación de esos personajes, los efectos de sentido pueden colaborar para (re)pensar las maneras de subjetivación y poder de esos sujetos periféricos, ahora narrados por otra mirada, por otras subjetividades, cuyos papeles no son más secundarios y pueden (tener el poder de) escribir un final diferente.

**Palabras-clave:** Discurso; Subjetividad; Geovani Martins.

## Introdução

Trazer ao centro de análises linguísticas questões referentes à subjetividades têm se mostrado um campo de investigação cada vez mais crescente, pois, mais que tratar sobre os icebergs da linguagem humana, busca-se também entender os sujeitos contemporâneos que dela se utilizam.

A questão do sujeito *de* e *na* linguagem há tempos vem permeando o campo dos estudos linguísticos, em épocas com menor protagonismo – como no Estruturalismo, por exemplo, em outras, como centro de investigação – para citar as teorias discursivas da linguagem, viés teórico-metodológico que pautam nossas reflexões. Por meio da relação língua, sujeito e história (PÊCHEUX, 1998), objetivamos entender como foi construída, nas discursividades literárias do conto “Rolézim”, a (auto)representação de sujeitos e subjetividades de grupos marginalizados, aqui entendidos, em sentido amplo, consoante Dalcastagnè (2018), “como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por gênero, etnia, cor, condição física, orientação sexual ou posição nas relações de produção”.

Assim, o que nos move é entender como, via construção discursiva, são (re)(a)presentados esses personagens pela escritura de um autor que também se (re)(a)presenta nesse locus de enunciação. Um habitar de gestos interpretativos, que longe de qualquer representação definitiva, permite-nos possibilidades de construção de efeitos de sentidos. Na proximidade entre ideologia e inconsciente (GRIGOLETTO, 2008) pretendemos discutir como são construídos os sujeitos e subjetividades nesse texto, atentando para o atravessamento, os interdiscursos que marcam a heterogeneidade discursiva (AUTHIER-REVUZ, 1998) na obra do autor que, situado historicamente,

também é um sujeito da linguagem, cindido por um inconsciente e que opera lapsos de um querer e poder dizer.

## 1. Sujeitos e subjetividades no texto/discurso literário

*O sujeito é sempre, e ao mesmo tempo,  
sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente  
e isso tem a ver com o fato de nossos corpos  
serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação.  
(Paul Henry, 1969)*

O tema “Sujeitos e subjetividades no texto/discurso literário” não se apresenta como uma tarefa fácil. Pois não se trata, segundo Maingueneau (2009, p. 38) de “projetar um universo em outro”, aqui, de modo especial – a linguística, da Análise do Discurso, na Literatura, mas, sim, de explorar o universo do discurso, buscando interpretar como esse universo é construído por narradores *à margem* e os efeitos dessa construção discursiva.

Por ser entendida como opaca e heterogênea (AUTHIER-REVUZ, 1998), a língua, para o analista é sempre metafórica, tem seus sentidos (re)velados no momento da materialização, no ato discursivo de um sujeito que é construído *na* e *pela* linguagem (CORACINI, 2007). Linguagem essa estruturada no inconsciente e que, por isso, lhe escapa, deixa rastros de um não dizer dizível, ao mesmo tempo, ideológico e inconsciente, como explorado por Henry (1969) na citação que abre esse tópico, pautado em formações discursivas que moldam quem pode e deve falar (FOUCAULT, 1998) e, ainda na esteira do pensamento de Foucault, resistir, escapar o dizer.

Segundo Resende (2014), quando falamos hoje sobre literatura brasileira, experimentamos uma mistura de gêneros e sentimentos, que vão desde a consciência das dificuldades que continuamos vivendo até um desejo de intervir nos destinos do país. Ainda segundo a autora, do ponto de vista cultural, o crescimento da baixa classe média fez com que:

Este segmento passasse a participar de forma mais efetiva do consumo cultural, sobretudo, a ser ouvida e a determinar o gosto do mercado, como acontece no fortíssimo segmento televisivo, em outras mídias e nas redes sociais. Representantes da periferia das grandes cidades se tornaram

expressões de novas subjetividades que se afirmam no quadro da produção artística. (RESENDE, 2014, p. 09)

Entretanto, uma afirmação discursivo-literária ainda longe de apresentar-se como “um mosaico, composta por várias perceptivas, vista de ângulos diferentes” (DALCASTAGNÈ, 2018), uma vez que o perfil do romancista brasileiro e seus narradores, protagonistas e coadjuvantes ainda são em sua maioria homens brancos, de classe média, heterossexuais e moradores de grandes cidades<sup>1</sup>.

Por isso que, ao promovermos uma condição de uma análise de discurso literário (MAINGUENEAU, 2009, p. 11) a partir desse lócus de enunciação singular, buscamos uma interpretação para além da filologia e da teoria literária, de uma investigação puramente histórica ou de análise intrínseca do texto, mas objetivando refletir como o texto foi construído, quais os meios discursivos de que se dispôs o autor, as condições de emergência da obra, para (re)(a)presentar seus personagens. Com isso, “problematizando as situações naturalizadas pelo hábito e que, por isso mesmo, parecem inquestionáveis” (CORACINI, 2003, p. 18), desses grupos marginalizados, que há muito vem sendo (re)negado de protagonismo, em muitos casos, vistos apenas como “objetos da escrita” (BOSI, 2002), de uma literatura d(e) exclusão (DALCASTAGNÈ, 2017), e, que hoje parecem reivindicar não só na voz literária, mas, sobretudo, na voz social, uma presença, que promova deslocamentos e, portanto, (re)(s)significações de uma metafísica ocidental.

## 2. Um *Rolézim* pela (des)construção de sujeitos e subjetividades

Para essa breve interpretação, apresentamos dois recortes do conto de abertura do livro, “*Rolézim*” que, assim como os demais textos da obra, retratam a infância e adolescência de moradores de favelas cariocas.

**Recorte 1:** Acordei tava ligado o maçarico! Sem neurose, não era nem nove da manhã e a minha caxanga parecia que tava derretendo. [...] O que não

---

<sup>1</sup> Segundo dados do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC/UNB/CNPQ), coordenado pela professora Regina Dalcastagnè. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/> Acesso em 15 de maio. de 2019.

dava era pra ficar fritando em casa. Calote pra nós é lixo, tu tá ligado, o desenrolo é forte. (p. 09)

**Recorte 2:** Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de que quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia. Porra, meu sangue ferveu na hora, sem neurose. Pensei, tô fodido; até explicar pra coroa que focinho de porco não é tomada, ela já me engoliu na porrada. (p. 15)

A relação autor-sujeito, narrador-leitor com a linguagem, como podemos observar, é uma singularidade da escritura/autoria de Geovani Martins. Essa preservação da memória linguística local, muito mais que uma autenticidade linguística, exprime também uma autenticidade ideológica com relação ao como se diz e o que se diz, já problematizando aí algumas discursividades, principalmente, diante de olhos mais conservadores sobre o que se entende por literatura, texto literário, sujeito-autor. Em se tratando de texto literário, a questão da autoria é clássica (MAINGUENEAU, 2009), uma vez que a relação sujeito e texto, vai muito além da relação autor (empírico) e obra. Entretanto, não podemos deixar de salientar que o lócus enunciativo do escritor é condição determinante em sua escritura – também morador da favela do Vidigal, assim como os seus narradores-personagens, e que essa condição contribui para que em seu texto as autorrepresentações marquem sua posição-sujeito.

A partir e sobre esse contexto enunciativo, observamos uma recorrente evocação de interação interlocutiva com seus possíveis leitores e, com a sociedade, de modo geral, a fim de (re)(a)presentar esses grupos sob outra ótica. A expressão “tu ta ligado”, recorrente em muitas partes do livro, questiona, constantemente, esse interlocutor, convidando-o para (des)construir esse olhar sobre esses sujeitos e subjetividades, além, é claro, de registrar uma marca de oralidade, tão bem controlada e dinâmica em toda a obra.

A narrativa começa no despertar do narrador-personagem em uma manhã ensolarada carioca “que nem o bafo do capeta”. Ele e mais um grupo de amigos decidem ir à praia, decisão nada tranquila, pois teria que juntar o dinheiro (R\$2, 80) e escolher entre a passagem, o pão ou o “varejo” (maconha). Passagem ao outro lado do asfalto que não é fácil, dadas as

representações subjetivas e ideológicas entre a zona sul e a periferia e, toda a rede de paráfrases e reformulações dessa construção de subjetividade e imaginário linguístico (MARIANI, 2003) e que essas páginas nos convidam a (re)pensar.

De volta do “rolé” à praia, os personagens se deparam com outros “menó de cara pro muro” diante de uma ação policial. O discurso negativo dessa passagem materializa a representação sobre esse referente de “poder” e “resistência”. A heterogeneidade constitutiva e marcada do substantivo “passagem” e da expressão “sem identidade” ilustram essa interpretação. Também o uso do verbo *ter*, no sentido de possuir, conjugado no imperfeito do subjuntivo, “tivesse”, no lugar de sugerir uma possibilidade, incerteza, particularidade desse modo verbal, está longe de permitir-lhes possibilidades, uma vez que a certeza policial, de poder, de que eles (sempre) têm algo de ilícito, já estava sentenciada, pois “com” ou “sem” (dinheiro, identidade) “ia pra delegacia”. A enunciação “sem saída” do narrador-personagem simboliza essa relação assimétrica entre a favela e os policiais, e subjetiva em seu discurso, toda sorte de injustiças, violações de direitos que eles são submetidos, ponto final de uma formação discursiva da criminalidade, a que os policiais, a ordem (social) subjetivam a todos esses jovens e adolescentes.

A construção de subjetividades autorreferentes sobre esses grupos, nesse trabalho de aproximar interior/exterior, inconsciente e ideologia (GRIGOLETTO, 2008), permite-nos rastrear atravessamentos, interdiscursos de uma escritura narrativa de sujeitos marginalizados que, situados historicamente, constroem e reconstróem subjetividades, operando lapsos de um querer e poder dizer. Dizer esse, que nas heterogeneidades discursivas do dito, deixam nos entremeios da língua, possibilidades de interpretação de um discurso que se oferece a problematizar tantos outros discursos e imaginários sobre a favela e seus moradores.

## Considerações finais

Os sujeitos/personagens narrados no conto *Rolézim*, na escritura singular de Geovani Martins, convida-nos a observar como são construídas as imagens desse lugar de fala, de si mesmo e do outro. Por meio da voz de seus narradores-personagens, identificamos subjetividades, que enunciadas por um sujeito da falta, deixa rastros de um não-todo no todo, o não-representável no representado e que direcionam e provocam sentidos em seu dizer e sobre o seu dizer.

A questão da representação do lócus enunciativo de Geovani Martins vai muito além de um neorrealismo mimético, de uma noção metafísica de literatura e verdade sobre a cidade perdida do Rio de Janeiro e seus referentes principais, pois muito mais que imitar a realidade, de aproximá-la da verdade, de retratar a favela carioca, possibilita-nos sentidos discursivos sócio-históricos, “representativos” que, dada a incompletude, espaçamento dos signos, sempre torna impossível a associação do dizer ao querer dizer, do que é visto e do que vemos, do que é mimético e do que pode vir a ser “verdade”.

Desse modo, a autorrepresentação dos seus personagens, na relação língua, história e sujeito, permite-nos registrar (re)leituras de poder e resistência, na medida que apresenta novos valores e outras discursividades sobre essa população, construídas a partir da alteridade, de contraidentificações sócio-culturais comumente discursivizadas, dentro de uma formação discursiva positiva, narrada por outros personagens, cujos papéis não são mais secundários, pois se reconhecem, identificam-se e ao adquirirem identidades, podem (tem o poder de) escrever um final diferente.

### Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

CORACINI, Maria José de F. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

CORACINI, Maria José de F. A análise do discurso na linguística aplicada. In: CASTRO, S. T. R. de (Org.). **Pesquisa em Linguística Aplicada**: novas contribuições. Taubaté: Cabral Universitária, 2003, p. 16-31.

DALCASTAGNÈ, Regina. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro. **Revista CULT**, São Paulo, Edição 231, 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/> Acesso em 15. maio. 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. (Org.). **Literatura e exclusão**. Porto Alegre/RS: Zouk, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998.

GRIGOLETTO, Marisa. Entremeios da Análise do Discurso: os desafios de novos objetos. In: SARGENTINI, Vanice. GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org.). **Análise do discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, p. 49-58.

MARIANI, Betânia. Subjetividade e imaginário linguístico. In: **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, 2003, p. 55-72.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, Geovani. Rolézim. In: **O sol na Cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 9-16.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P.Orlandi, Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

RESENDE, Beatriz. FINAZZI-AGRÓ, Ettore. (Org.). **Possibilidades da nova escrita literária no Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

SCHERER, Amanda. Subjetividade, inscrição, ritmo e escrita em voz. In: MARIANI, Bethania (Org.). **A escrita e os escritos**: reflexões em análise do discurso e a psicanálise. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 11-19.